



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

MELINA DO NASCIMENTO PERÔNICO

**PSICOLOGIA HUMANISTA-EXISTENCIAL E LOGOTERAPIA E ANÁLISE
EXISTENCIAL FRENTE AO UNIVERSO INFANTIL: BREVES CONSIDERAÇÕES
TEÓRICO-PRÁTICAS**

**CAMPINA GRANDE
2019**

MELINA DO NASCIMENTO PERÔNICO

**PSICOLOGIA HUMANISTA-EXISTENCIAL E LOGOTERAPIA E ANÁLISE
EXISTENCIAL FRENTE AO UNIVERSO INFANTIL: BREVES CONSIDERAÇÕES
TEÓRICO-PRÁTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia humanista-existencial e Logoterapia e análise existencial frente ao universo infantil: breves considerações teórico-práticas) apresentado a Coordenação/Departamento do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito á obtenção do título de Graduação e Licenciatura em Psicologia.

Orientador(a): Prof. MS. Lorena Bandeira Melo de Sá

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P452p Perônico, Melina do Nascimento.
Psicologia humanista-existencial e logoterapia e análise existencial frente ao universo infantil [manuscrito] : breves considerações teórico-práticas / Melina do Nascimento Peronico. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá , Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Psicoterapia Infantil. 2. Logoterapia. 3. Análise existencial. 4. Infância. I. Título

21. ed. CDD 616.891 6

MELINA DO NASCIMENTO PERÔNICO

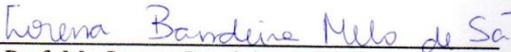
LOGOTERAPIA INFANTIL: BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

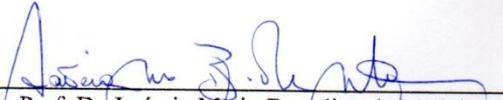
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito á obtenção do título de graduação e licenciatura em Psicologia, através da Universidade Estadual da Paraíba.

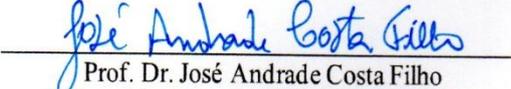
Orientadora: Prof. Ms. Lorena Bandeira Melo de Sá

Aprovada em: 04/12/19.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Lorena Bandeira de Sá (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Laércia Maria Bertulino de Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
A INFÂNCIA E A HISTÓRIA DA CRIANÇA.....	05
HISTÓRIA DA PSICOTERAPIA E PSICOTERAPIA INFANTIL.....	08
LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL.....	12
LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL E SEU CONTATO COM O UNIVERSO INFANTIL.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS	19

PSICOLOGIA HUMANISTA-EXISTENCIAL E LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL FRENTE AO UNIVERSO INFANTIL: BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

Melina do Nascimento Perônico*

RESUMO

Na Psicologia, diversas são as abordagens que lidam psicoterapeuticamente com as crianças. Desta forma, para o presente estudo, buscou-se discernir brevemente a respeito das abordagens da Psicologia humanista existencial com foco principal na Logoterapia e Análise existencial com o intuito de perceber a viabilidade teórica a respeito de sua utilização na prática da Psicoterapia infantil. Para alcançar tal objetivo, fez-se uso da revisão bibliográfica, nas literaturas pertinentes que versam sobre a história da infância, a características da Psicoterapia e a história da Psicoterapia Infantil, seus diferentes enfoques, a história da Logoterapia, seus postulados básicos a aproximações com o universo infantil. Neste identificou-se a justificada viabilidade para o trabalho psicoterápico considerando os preceitos que compõe essa terceira Escola vienense. Tendo em vista a integralidade de sua visão de homem que ressaltam o caráter da liberdade e responsabilidade, além da unicidade defendida por tal abordagem. Dessa forma, foi possível vislumbrar o significativo e preventivo alcance que a Logoterapia oferece ao universo do infante, colaborando com uma maneira de existir autêntica, feliz e amorosa com si e com o mundo que o circunda.

Palavras-Chave: Infância - Psicoterapia infantil - Logoterapia.

ABSTRACT

In Psychology, there are several approaches that deal psychotherapeutically with children. Thus, for the present study, we sought to briefly discern about the approaches of existential humanistic psychology with a main focus on existential Logotherapy and Analysis in order to understand the theoretical feasibility regarding its use in the practice of child psychotherapy. To achieve this goal, we used the literature review in the relevant literature on the history of childhood, the characteristics of psychotherapy and the history of child psychotherapy, their different approaches, the history of logotherapy, their basic postulates to approximations with the children's universe. In this one, the justified viability for the psychotherapeutic work was identified considering the precepts that compose this third Viennese School. Given the comprehensiveness of his vision of man that underscore the character of freedom and responsibility, and the uniqueness defended by such an approach. Thus, it was possible to glimpse the significant and preventive reach that Logotherapy offers to the universe of the infant, collaborating with a way of existing authentic, happy and loving with themselves and the world around them.

Keywords: Childhood - Child Psychotherapy - Logotherapy.

* Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: melinanpsi@outlook.com

INTRODUÇÃO

O ser humano apresenta-se em permanente mudança e suas diversas facetas e problemáticas evidenciam sua historicidade e a ciência como um todo “ganha vida”, mediante a um processo de conversação entre os humanos com todas suas questões e realidade. Por isso que compreender em profundidade algo que compõe o nosso mundo significa recuperar sua história, ou seja, seu passado (BOCK et. al. 2008).

Por muito tempo, pode-se observar que a infância foi uma fase de desenvolvimento bastante ignorada. Encontramos indícios para tal afirmação na obra de Philippe Ariès “História Social da Criança e da Família” (1981) que retrata a visão que se tinha da criança e que as mudanças ocorridas no mundo afetavam a maneira de enxergá-las, sua história está atrelada aos tipos de laços sociais que a humanidade mantém com o mundo. Sendo assim, a infância não era valorizada como uma importante fase de desenvolvimento humano, mas os avanços que serão discutidos a seguir permitiram que na prática psicológica e no fazer psicoterápico, a criança passasse a ser vista como merecedora de atenção e terapêutica diferenciada. Embora a infância seja um fato biológico, a maneira como ela é entendida é determinada socialmente e sua construção social é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas. Por isso, não há uma infância ou criança naturais ou universais e sim muitas infâncias e crianças.

Com a criação da Logoterapia, no final da década de 1940, Viktor Frankl, oferece-nos um novo sistema teórico e prático focado na busca de sentido e na realização da existência. Este concebe o homem como um ser tridimensional, constituídos pelas dimensões (biológica, psíquica e noética/espiritual). Essa última é uma de suas principais contribuições para a compressão de sua visão de homem, uma vez que o concebe como possuidor de liberdade e responsabilidade para posicionar-se frente aos condicionamentos e determinismos presentes na experiência humana. Percebe-se que tal abordagem absteve-se por muito tempo em considerar a Psicoterapia Infantil como destinatária de sua terapêutica, por postular que o discurso da criança dificulta discussões fenomenológicas- existenciais.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo discutir a relevância teórica da Logoterapia frente o universo infantil, já que a apreensão de valores inicia-se na infância demarcada em seu espaço sócio-afetivo. O método utilizado para alcançar tal objetivo foi à pesquisa bibliográfica de materiais já elaborados, livros e artigos científicos com o intuito de conhecer sua fundamentação dos argumentos, as diferentes contribuições científicas disponíveis para reforçar o tema proposto.

Desta forma, a seguir, serão tratados os aspectos da Psicoterapia, em seguida da Psicoterapia infantil (do que se trata, os sinais que indicam a sua necessidade, seus objetivos, a participação dos pais no tratamento e a relação terapeuta-criança). Perpassando por esses fatores têm-se o interesse em vislumbrar as pertinentes aproximações ou participação possível dos postulados básicos da Logoterapia junto á Psicoterapia infantil e demonstrar as possibilidades que esse tipo de intervenção tem em assumir um caráter preventivo e promotor de saúde diante do universo infantil.

A INFÂNCIA E A HISTÓRIA DA CRIANÇA

Segundo Andrade (2010) o tema infância além de constituir-se como um campo estudado por diversas áreas do saber, possui diferentes apreciações ou imagens sociais, devido a essas diferentes abordagens, métodos e enfoques que o estuda. O historiador Philippe Ariès foi um dos pioneiros a debruçar-se sobre a história da criança e em 1948, lançava os primeiros estudos sobre a questão. Em seu livro intitulado “História social da criança e da família” (1981) realizou um resgate baseado em documentos como: fotos, diários, músicas e

iconografia religiosa e teorizou a concepção da infância como construída socialmente. O autor afirma que, de acordo com cada período histórico, a infância recebeu diferentes conotações dentro do imaginário do homem, perpassando por todos os aspectos: sociais, culturais, políticos e econômicos.

No âmbito nacional, temos o nome de Mary Lucy Del Priore, uma historiadora e escritora que obteve grande reconhecimento quando organizou e publicou em 1981, em forma de livro, sua tese de doutorado “**História da Criança no Brasil**”. A obra de Priore (1991, 2012) reúne historiadores, sociólogos e educadores sensíveis sobre a condição das crianças na sociedade brasileira e, sobretudo, atentos ao legado do passado na situação atual, procurando esclarecer como viveram ou eram vistas as crianças em vários momentos da história do Brasil, através da pesquisa e da revalorização do documento histórico. A partir desses materiais foi possível despontar o papel que desempenhou a infância numa sociedade economicamente e culturalmente contraditória.

Ainda segundo Priore (2012) durante o século XVIII em diante, as crianças passam a ser preparadas para o futuro, ou seja, para o mundo adulto e simultaneamente ocorreram mudanças na família, pois, surgiu à necessidade de se obter uma vida mais privada. Porém, enquanto os filhos de uma pequena elite recebiam educação formal de professores particulares, os filhos dos pobres tinham a obrigação de tornarem-se futuros cidadãos úteis, trabalhando nas lavouras, pois a parcela da população mais pobre ainda acreditava que o trabalho era “a melhor escola” e a priorizava em detrimento da formação escolar. Desta forma, impondo a essas crianças, uma condição de espectador mudo, perante seu tempo e sua vida. Essas observações só apontam para uma sociedade que marcada pelo passado escravocrata, permanece injusta na distribuição de suas riquezas e reafirmam a desigualdade racial e social e que o ensino público, apesar de público não era para todos.

Andrade (2010) pontua que a história da infância deve ser contextualizada, e associada à história da assistência, da família e da educação, por não ser organizadamente sequenciada. Nos séculos XIX e XX, o interesse pela infância transmitido pela modernidade a reconhece como uma fase de imaturidade, porém como sujeitos ativos, com potencialidades a serem desenvolvidas desde o nascimento, capazes de aprender e construir conhecimentos no processo de interação social. Esse entendimento acabou por legitimá-la como uma fase do desenvolvimento humano, possuidora de necessidades como atenção, regulação e cuidados, e que esses devem ser supridos pelos adultos. Dessa forma, nessa nova conceituação sobre a infância está a ideia da criança cidadã, ou seja, a criança forte, competente, inteligente, com direito a voz e a ser ouvida; enfim, um sujeito de direitos. Os dispositivos legais norteadores de princípios de proteção, orientação e cuidados estabeleceram-se como um forte aliado para a sociedade moderna que passou a dispor desta ferramenta para o enfretamento e inibição dos diversos tipos de negligências e violências que os infantes e os adolescentes sofrem, além de contribuírem na valorização da vida.

Na atualidade e de forma geral pode-se definir a família como um grupo de pessoas que convivem reconhecendo-se como família, propondo-se a ter entre si uma ligação afetiva e de cuidados contínuos. Nesse convívio surge o processo de socialização, por meio das práticas educativas que tem como principal objetivo ensinar o modo humano de existir. Cada família é possuidora de características próprias e as revela em seu modo de pensar, sentir e interpretar o mundo por meio de seus valores, hábitos, mitos e pressupostos que vão constituir a subjetividade da criança determinando e consolidando suas posições dentro da família e sua inserção na sociedade. (LANE, 1981; BOCK 2008)

Como pode ser percebido esse novo contexto trás consigo uma nova forma de responsabilidade da família e da sociedade perante as crianças, onde devem garantir a sobrevivência física, social e psicológica de seus descendentes. Nesse mesmo momento surge

a infância científica, determinada pelo aparecimento do conjunto de teorias e práticas para possibilitar a administração simbólica da infância. Fomentaram-se produções de normas, atitudes e prescrições que apesar de não contemplarem toda a variedade existente de circunstâncias que envolve a vida cotidiana, funcionaram como caminhos norteadores, direcionando o desenvolvimento, o destino, ou seja, a vida das crianças e em longo prazo o futuro da sociedade como um todo.

O bem-estar e o aprimoramento das relações pais & filhos são assunto constante de psicólogos, sociólogos, psicanalistas, enfim, de especialistas que além de trazer uma contribuição inédita para a melhor inserção da criança na sociedade do ano 2000, reproduzem seus conhecimentos em revistas e teses, propondo uma nova ética para a infância. (PRIORE, 2012 p. 232)

O Brasil foi um dos primeiros países a organizar uma legislação que seguisse os princípios da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, adotada pela assembleia geral das nações unidas em 20 de novembro de 1989, sendo ratificada pelo Brasil em 24 de setembro de 1990. (BRASIL, 2016) Todo esse movimento supracitado serviu de inspiração para o legislador nacional elaborar o Estatuto da Criança e do Adolescente (documento com conjunto de normas que tem por objetivo proteger a integridade da criança e adolescente no Brasil) **Decreitada pelo Congresso Nacional e sancionada** pelo Presidente sob a forma da Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, que entrou em vigor na data de 14 de outubro de 1990. (ROSEMBERG, MARIANO 2010)

Segundo Bock (2008) essa lei de proteção dos direitos da criança e do adolescente é considerada umas das mais avançadas do mundo. Sua importância reside em vários aspectos. Tendo em vista que essa lei acaba acrescentando, na ordem jurídica, as mudanças culturais e históricas que vão se processando na sociedade que repercutem na família e consequentemente na vida das crianças e adolescentes. Hoje o Estatuto rege o direito de todas as crianças e jovens brasileiros, e reconhece todas as crianças e adolescentes como prioridade.

Considerando as diversas maneiras do “existir familiar” e principalmente a configuração bastante atual em que estamos inseridos, Priore (2012) chama a atenção para uma organização familiar que tem fomentado discussões em toda a sociedade. Consta-se que mais acentuadamente nos dias de hoje, independente de classe social a qual a família possa pertencer, crianças passaram a agir como pequenos reis e ditadores, em detrimento a conhecida obediência tão característica das gerações anteriores. E acredita que é como se as tradicionais cadeias de socialização, tivessem se rompido causando uma confusão a respeito dos limites e maneiras de organização familiar que se traduz numa barulhenta autonomia. E que termina por produzir incertezas a respeito do futuro da sociedade como um todo, já que um dos critérios que se utiliza para medir e prever o futuro de um País relaciona-se com a conjuntura na qual o desenvolvimento humano se apresenta.

Corroborando com as observações acima, Bock (2008) também observa dificuldades por parte dos adultos em estabelecer limites e regras claras para as crianças e adolescentes e reconhece que no início do século XXI, há um debate intenso sobre a atribuição da família e de outras instituições como a escola, por exemplo, na formação das novas e futuras gerações. Já que se tornou frequente a busca sobre os possíveis determinantes de alguma conduta transgressora que as crianças e adolescentes possam cometer, na tentativa de culpabilizar a família de omissão ou descuido para posteriormente considerar a influência de outras instituições sociais. E termina por destacar que essa tentativa de educar, com o intuito de gerar autonomia, também, tem a possibilidade de ser interpretada como uma forma de mimar a criança, confundindo por consequência o treino para a autonomia, pela vontade da criança e deixa a seguinte reflexão: “E, mais tarde, como será o encontro, a convivência de indivíduos com experiências tão precoces de autonomia?”. (p. 242)

Diante dessa problemática, torna-se importante frisar que a Psicologia enquanto ciência possui uma gama de teorias, métodos e procedimentos advindos dos mais variados fundamentos teóricos, filosóficos e políticos. Também, recebe a contribuição de diferentes campos do saber na tentativa de compreender a complexidade do ser humano e sua diversidade, por esse motivo é que a psicologia como uma forma de saber não está finalizada e nunca estará. (BOCK, 2008). Durante as pesquisas e intervenções já realizadas, a Psicologia, em diversos momentos assumiu a produção de grandes colaborações acerca do desenvolvimento psicológico infantil.

Então, no presente contorno, agiremos na tentativa de compreender e apontar quais caminhos podem ser tomados para um exemplar manejo dessas mudanças. Todas essas que ocorrem na sociedade e que são totalmente justificáveis, tendo em vista o dinâmico mundo em que vivemos repletos de transformações constantes, já que é inerente ao ser humano, a busca pela compreensão do meio em que vive e a maneira no qual se relaciona com o mundo, com a sociedade e a vida. Por isto, para atender as necessidades do delineamento que se pretende nesta revisão, a seguir, o foco direciona-se sobre a história da Psicoterapia e da psicoterapia infantil.

HISTÓRIA DA PSICOTERAPIA E PSICOTERAPIA INFANTIL

Segundo Nery e Costa (2008) a Psicologia clínica e a Psicanálise tem seu desenvolvimento cronologicamente equiparados e consideram diversas fontes do saber, ou seja, beneficiarem-se com leituras psicológicas interdisciplinares. As psicopatologias eram o ponto de partida pelo qual os casos clínicos eram abordados, onde o sofrimento seria advindo somente do interior da mente do próprio indivíduo. No entanto, no final do século XIX, Freud contribuiu para o acontecimento de uma revolução em respeito à importância em considerar a subjetividade na prática médica, levando em conta a escuta das queixas e experiências do paciente, ou seja, propondo uma nova forma de análise clínica dos variados fatores que podem favorecer o adoecimento físico e mental.

O percurso histórico sobre a Psicoterapia Infantil também está atrelada aos acontecimentos que giraram em torno do autor da Psicanálise. Tendo em vista que esse despertar foi propiciado, pela experiência de Freud, em observar a partir de suas análises com adultos, significantes acontecimentos mediante sua infância e nas experiências infantis de seus pacientes. Essas observações o levaram a considerar que nas primeiras fases do desenvolvimento humano poderiam estar presentes as causas dos atuais transtornos identificados nos adultos. Em 1909, foi a primeira vez em que os princípios técnicos da psicanálise foram aplicados em uma criança, com início da análise do Pequeno Hans, que sofria de uma fobia de cavalos. Esse foi o primeiro passo nessa direção, tendo em vista que antes, essa possibilidade era vista como inviável, devido à ideia vigente de que as crianças não detinham a capacidade de avaliar seu próprio comportamento e de realizar associações livres. Dessa maneira, os profissionais que atendiam crianças, voltaram suas atenções para a análise destas, com o intuito de constatarem se haveriam concordâncias sobre essa descoberta de Freud e se isso traria um novo desenvolvimento de ideias. (GONÇALVES, 2009)

A Psicoterapia é um dos serviços psicológicos que dentre outros, são desenvolvidos e oferecidos pela Psicologia Clínica. Essa que nasceu em meados dos anos 1950 e grosso modo originou-se fruto de uma necessidade em tratar os “doentes” em sofrimento, com respeito a suas individualidades e com o rigor metodológico necessário, onde “a Psicanálise constituiu uma fonte de inspiração” (Brito 2008, p. 65). Este campo de atuação é imenso, agrupa métodos variados que repousam sobre pressupostos muito diferentes. Frequentemente o sentido atribuído ao conceito de clínica é a prática de um profissional especializado com domínio de teorias, técnicas e métodos compatíveis entre si, cujo objetivo é tentar atingir a

”verdade” psicológica do sujeito observado, para direta ou indiretamente, encontrar um processo de intervenção que compreende uma observação única e fundamentada nas particularidades do indivíduo. (BRITO 2008).

No entanto, antes que a psicoterapia tenha seu início propriamente dito, faz-se necessário a realização do psicodiagnóstico, ou seja, a avaliação psicológica. Esta se configura como um amplo processo de investigação técnico e científico, realizado com pessoas ou grupos de pessoas que de acordo com cada área de conhecimento, requer metodologias específicas. Tem por objetivo reunir informações (coleta e interpretação de dados) que possibilitem a compreensão mais organizada possível, do psiquismo do paciente, de sua demanda e de seu relacionamento com a sociedade. (CFP, 2013)

Segundo Meira e Nunes (2005) a Psicoterapia aborda e trabalha temas relevantes para a saúde mental de quem procura por esse tipo de ajuda. E que este não se destina apenas em auxiliar os casos agudos ou considerados graves, mas também as pessoas que estão passando por fases transitórias, já que a gama de problemas e dificuldades podem ser demasiadamente diversas. Em qualquer que seja o problema enfrentado é preciso que seja realizado o mais adequado encaminhamento terapêutico. Sabemos que o comprometimento da atuação do psicólogo deve caminhar na direção da emancipação humana, no respeito à liberdade, à dignidade e na integridade do ser humano. Não é por acaso que um dos princípios fundamentais do atual Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005) seja basear sua atuação nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Porém, a técnica psicoterápica infantil foi colocada em prática na clínica por duas importantes psicanalistas, Anna Freud e Melanie Klein, que perceberam a necessidade por modificações e as realizaram de acordo com as particularidade e demandas exigidas nesse tipo de atendimento. A primeira defendia que a psicanálise de crianças deveria buscar a reeducação destas para adaptá-las a realidade e contribuir para um melhor convívio familiar, similar a uma forma aperfeiçoada de pedagogia. A segunda viu na psicanálise com crianças a oportunidade de explorar esse funcionamento psíquico e ofereceu grande contribuição à técnica de Psicoterapia infantil ao perceber no brincar, a possibilidade das crianças expressarem de maneira simbólica as suas ansiedades e fantasias. Dessa maneira, terminou por introduzir sistematicamente a brincadeira como uma nova ferramenta de análise infantil, justificados pelo fato de as crianças possuírem uma maneira diferente de se expressar e se relacionar com coisas e com as pessoas. Assim, a maior contribuição de Freud para a análise de crianças foi indireta, já que seu objetivo era comprovar as teorias sexuais infantis e não adaptar seu método com novas técnicas para o público infantil, mas permitiu o reconhecimento e a posterior valoração dos dinamismos psíquicos durante a infância. (ISSE, 2013; GONÇALVES, 2009)

A psicoterapia infantil é um processo terapêutico que se destina ao cuidado e atenção com a saúde mental da criança, seu encaminhamento pode ser realizado por outros profissionais da área da saúde como: pediatra, psiquiatra, fisiologista, fisioterapeuta, neurologista, pela escola, entre outros. Para a criança, a psicoterapia promove um espaço de acolhimento e investigação sobre como ela tem se relacionado com seus pais ou responsáveis, amiguinhos, professores, conteúdo escolar, outros familiares, sobretudo com ela mesma. (GONÇALVES, 2019)

Nesse processo há um importante espaço inicial e contínuo reservado para o atendimento dos pais ou ao(s) seu(s) respectivo(s) responsável(s). Nesse espaço inicial, buscam-se obter informações gerais a respeito da história da criança, os elementos do funcionamento psíquico da criança e seu comportamento atual. Encontros são realizados e uma devolutiva é fornecida aos pais pelo terapeuta para que entendam melhor a queixa que os levou até lá e do que se trata um atendimento psicoterápico. Porém essa devolutiva não é única, pois de acordo com a evolução do tratamento, novos contatos são necessários. Esses

avanços e modificações percebidos são os verdadeiros demarcadores que demandam o ritmo no processo terapêutico. (GONÇALVES, 2009; SEI, SOUZA E ARRUDA, 2008)

Os pais, muitas vezes, sentem dificuldades para identificar o momento no qual é preciso procurar ajuda psicológica e como já citado, também necessitam de acolhimento. Porém, os benefícios dessa procura alcançam os pais e fomentam a reelaboração de diversos sentimentos que os afligem, como por exemplo: a ideia da obrigatoriedade de perfeição, por parte deles em tudo e em todas as situações frente ao(s) seu(s) filho(s). Deste modo, é de fundamental importância que ao longo da psicoterapia haja a efetiva participação dos pais, pois, quanto mais os pais compreenderem o que é a terapia e o quanto ela está objetivando o bem estar da criança e que isso favorece toda a dinâmica familiar, maior tende a ser o sentimento de “conforto” na participação da criança e mais conquistas serão percebidas durante esse processo. (CARVALHO, FIORINI, RAMIRES, 2015).

Sánchez (2009) observa que são diversas as abordagens que contribuem de alguma maneira, com a nobre função de cuidado com as crianças e que cada uma enriquece essas possibilidades baseadas em suas conjecturas básicas. Porém, a contribuição das Psicoterapias de base humanista e existencial tem como eixo principal evidenciar a importância da adoção do reconhecimento da liberdade e responsabilidade que o indivíduo tem para apropriar-se do objetivo principal da existência que é fazer algo de si mesmo. Especificamente, essas contribuições, favorecem fundamentalmente a formulação dos princípios básicos da logoterapia de Viktor Frankl para a clínica infantil. E destaca que são poucas as contribuições para a clínica logoterapêutica com crianças, encontrando ainda apenas algumas e particulares referências anexas a textos, mas nenhuma proposta concreta de intervenção clínica. Porém, a autora supracitada é considerada uma das pioneiras por utilizar os postulados da Logoterapia em seu fazer Psicoterápico durante o atendimento à crianças e para isto tem como importante aliado a ludoterapia. (SIMÕES, 2016)

Exatamente por Frankl reconhecer que a Logoterapia não é uma panacéia, que é grande a complexidade e diversidade das situações terapêuticas, e que há uma riqueza técnica em cada escola terapêutica, não há "objeção em combiná-la com outros métodos.". (KROEFF 2012, p. 174 apud FRANKL, 1970, p. 110).

Segundo Mattar (2010) apesar de a psicologia existencial não especificar na psicoterapia infantil, uma abordagem, alguns trabalhos foram publicados de forma a relacionar o método fenomenológico e a filosofia da existência ao contexto da psicoterapia infantil. E coloca que Feijoo discutiu em um desses trabalhos os aspectos teóricos e práticos da psicoterapia infantil sob a ótica fenomenológico-existencial. Observou que o foco está em facilitar o encontro do indivíduo com a autenticidade da sua existência, assumindo-a e projetando-a mais livremente no mundo. Pois, o centro é o indivíduo e não a sua perturbação mental que ao se fazer presente é entendido como fruto das adversidades que o indivíduo enfrenta para fazer escolhas mais originais e expressivas do seu Ser. E percebeu a necessidade do terapeuta atuar de forma própria para não se confundir com a vivência cotidiana, permitindo a livre expressão da hostilidade da criança através do brincar em um ambiente sem críticas e censuras, pois a ele cabe a compreensão dessas atitudes.

O objetivo da fenomenologia é descrever com rigor os fenômenos, ou seja, as coisas consideradas como meros aparecimentos na consciência. Esta descrição será feita pela intuição, quer dizer, olhando de forma penetrante para os fenômenos, apreendendo-os de forma intuitiva em sua plena evidência, como são em si mesmos. (MATTAR, 2010)

O tema lúdico é altamente trabalhado na obra de Virginia Mae Axline, que trabalhou com Carl Rogers (1902-1987) fundador da Abordagem Centrada na Pessoa e desenvolveu a

perspectiva da Ludoterapia, adotou o método da não-diretividade no atendimento a crianças mediante o intermédio do brincar. Então, como guia para os terapeutas frente aos seus atendimentos no universo infantil, Axline (1972) aponta princípios norteadores que considera indispensáveis para aqueles que pretendem atender crianças, que dizem respeito especialmente às atitudes do terapeuta. Dentre os quais orienta que: o terapeuta deve estabelecer com a criança um relacionamento gentil e respeitoso para a livre expressão dos seus sentimentos e pela capacidade que possuir para resolver seus próprios problemas. Deve oportunizá-la, momentos responsáveis de escolha e aceitá-la como é. O terapeuta não é passivo, é sensível e deve estar alerta para seguir as dicas que a criança oferecer e perceber os sentimentos que ela apresenta, para que tenha condições de refletir sobre estes e compreender seu comportamento. Por fim, o terapeuta não tenta abreviar o processo, pois o entende como gradativo e delimita a terapia no mundo da realidade fazendo a criança consciente de sua responsabilidade no relacionamento, além de manter uma atitude extremamente profissional em não revelar as confidências que a criança vier a fazer, para os pais ou professores, ou a quem perguntar sobre o que ela fez ou falou durante a terapia. (MATTAR, 2010)

Já na abordagem da Gestalt terapia, que faz parte da Psicologia humanista, surgiu na década de 50 e tem como referência a obra de Violet Oaklander, frente ao trabalho psicoterápico infantil que tem como meta ajudar a criança a tomar consciência de si mesma e da sua existência no mundo, para que possa experienciar e vivenciar os momentos. Para isto, utiliza-se do método fenomenológico, onde não se busca as causas para um sintoma, mas sim entendê-lo sob diferentes aspectos, é focada no aqui agora e no que está presente no momento para o cliente. As técnicas propostas por ela são entendidas como possibilidade de promover uma expressão do paciente visando que o mesmo estabeleça sua autoidentidade e autoidentificação e renovar o seu contato com seus próprios sentidos, sentimentos e uso do intelecto. Nessa abordagem o terapeuta trabalha primeiro com o mais fácil e mais confortável para a criança e posteriormente adentra em temas mais difíceis e desagradáveis, porém não direciona, se preocupa em criar um ambiente acolhedor e empático para que ele se desenvolva na direção que o mesmo escolher e ajudá-las a sentir-se forte dentro de si mesma, vendo o mundo como ele é e escolhendo a sua maneira de viver nele. (MATTAR, 2010)

No prefácio que Barry Stevens escreveu no livro “Descobrimos Crianças” de Violet Oaklander (1980), ele relata a honestidade que ele percebe na maneira como ela trata o tema e dá voz as essas que são as protagonistas de sua obra. Uma parte substancial desse livro são crianças falando de si mesmas com a honestidade que Violet as possibilita. A mesma sugere diversas técnicas como a da fantasia, dos desenhos de família e materiais diferentes para que obtenha o máximo de experiências na prática de experienciar. E observa que ela consegue demonstrar que muitas vezes o grande problema é que os adultos não incluem as crianças na resolução ou na apreciação de seus próprios problemas, ou seja, a educação afetiva, o vínculo, a prática do afeto e atenção não são necessariamente exercidas de forma satisfatória ou suficientemente capaz de se fazer enxergar verdadeiramente as crianças. Segundo Violet “os sentimentos das crianças desempenham um papel importante na sua aprendizagem” (p. 16)

Deste modo, na terapia infantil a ludicidade está presente no desenvolvimento do brincar juntamente ao uso de facilitadores como: jogos, desenhos, fantasia, histórias, e a arte (produções com massinha, entre outros materiais pertinentes), tudo para favorecer a expressão de suas emoções, angústias, medos e inseguranças, pois é no brincar que a criança expressa seu mundo simbólico e viabiliza as observações do terapeuta. Juntamente ao auxílio deste, encontrará recursos para o autoconhecimento, para a exploração dos seus potenciais e possibilidades de enfrentamento das causas de seu sofrimento para se posicionar diante do mundo, aliviando os sintomas e alcançando a resolução de conflitos internos que a impedem ou dificultam o seu desenvolvimento satisfatório e saudável. (GONÇALVES, 2019)

Porém, é a partir do século XXI que surgem as primeiras colaborações da Logoterapia Infantil, através da autora Clara Martínez Sánchez, que aplica em seu consultório a prática desta abordagem e por este motivo é considerada uma das pioneiras na realização do trabalho nessa abordagem com crianças. (SIMÕES, 2016) E para chegar a este ponto e ao objetivo desta revisão, faz-se necessário entender primeiro, o que é a Logoterapia?

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Viktor Emil Frankl foi um pensador, Neurologista e Psiquiatra que nasceu na cidade de Viena, capital da Áustria, em 26 de março e viveu entre (1905- 1997). Foi o criador da chamada Logoterapia e Análise Existencial, formulou sua própria teoria e a transformou em uma Psicoterapia que traz para a Psicologia a contribuição de uma prática psicoterápica centrada no sentido, no despertar da responsabilidade existencial e no encorajamento do uso da liberdade para um ser-no-mundo, mais autêntico, realizador e por consequência, mais saudável, para si e para o outro. Está situada ou assentada sob a influência de duas correntes filosóficas – a fenomenologia e o existencialismo, na tentativa de construir uma teoria que fomentasse um embasamento mais humano à Psicoterapia. (SILVA E BASTOS, 2016).

Um comum e recorrente equívoco quando o assunto é a criação da logoterapia é o pensamento de que Frankl desenvolveu sua teoria durante o período que passou como prisioneiro em campos de concentração, durante a II Guerra Mundial. Antes de escrever o livro que o tornaria famoso no mundo inteiro “Um Psicólogo no campo de concentração”, que publicou em 1946, cuja tradução foi editada no Brasil com o nome de “Em busca de sentido – Um Psicólogo no campo de concentração” advindo de sua experiência nos campos de concentração, ele já se preocupava e refletia sobre as questões relativas à vida do ser humano e o(s) sentido(s) dentro de tudo isso desde muito cedo. Quando tinha apenas 21 anos, em 1926, ele fez uso do termo Logoterapia pela primeira vez em uma conferência para o público acadêmico e criou a diferença entre três tipos de valores (criação, vivência e atitude), ou o caminho para encontrar o “sentido da vida”. Já a terminologia Análise Existencial, por sua vez, foi utilizada por ele em 1933. No ano de 1935 Frankl publicou em uma renomada revista de psicoterapia, os conceitos de Logoterapia e Análise existencial. Sendo assim, Frankl não criou a Logoterapia no campo de concentração, ele apenas a aperfeiçoou a partir das suas vivências. (XAUSA, 2012; AQUINO et al., 2015; SILVA e BASTOS, 2016)

Segundo Aquino, Damásio ESilva (2010) Pereira (2015) a Logoterapia e Análise Existencial têm como proposta central analisar a motivação primordial do ser humano que, segundo Viktor Frankl, seria a busca por um sentido existencial. Nesta, o ser humano é concebido por Frankl um ser único, irreptível e tridimensional por possuir um sistema com três níveis de existir ou categorias constitutivas fundamentais: o físico, psíquico e noético (ou espiritual). Na dimensão física encontram-se as estruturas: orgânica e fisiológica; na Psíquica, encontram-se as sensações impulsos, instintos, desejos, talento intelectuais, costumes sociais, dentre outros. Já a dimensão espiritual, caracteriza-se por ser especificamente humana, pois nesta encontram-se as decisões pessoais, a criatividade a religiosidade, o senso ético, as compreensões do valor, o exercício da liberdade, pois fornece ao homem a possibilidade de se posicionar perante os condicionamentos físicos e psíquicos, ambos influenciando-se mutuamente. É nessa dimensão que o homem decide, seja por ir ou ficar, mas decide por algo, possui a capacidade de auto-configurar-se.

Portanto, para Frankl (1999, p. 166) os três Elementos constitutivos da existência humana, espiritualidade, liberdade e responsabilidade, são três fenômenos primários, irredutíveis, do ser do homem; que não podem reduzir a outro anterior ou mais simples. (FREITAS, et. al. 2015)

Os principais fundamentos teóricos do sistema prático e conceitual da logoterapia foram concebidos por Frankl da seguinte maneira: 1) a liberdade de vontade, 2) a vontade de sentido e 3) o sentido da vida, juntos possibilitam o entendimento do conceito de pessoa compreendido por tal abordagem. Explicitadas a seguir:

Primeiro tem-se a liberdade de vontade, o seu funcionamento corresponde ao antônimo de outro conceito, conhecido como determinismo, no qual o ser humano não possuiria possibilidade de escolha e ficasse refém, por completo, dos aspectos biológicos, sociais e ambientais que fazem parte da vida humana. Na liberdade de vontade encontra-se uma liberdade limitada que é exercida pelas escolhas feitas nas tomadas de decisões, possibilitadas pela dimensão noética, apesar dos parâmetros pré-estabelecidos pelas imposições ou condições dos aspectos biológicos do ser e das circunstâncias da vida em sociedade, poderíamos chamar de destino, pois, para Frankl este é tudo aquilo que não pode ser mudado e não está na alçada e nem na responsabilidade do homem mudar. Definitivamente é se comportar perante o fatal. Dessa forma, é essa liberdade de escolha que pode possibilita o desenvolvimento dos valores e significados, tendo em vista que o ser humano pode às vezes não escolher um determinado fato, porém pode decidir o que fazer diante deste fato.

Aquino, Dámasio e Silva (2010) continuam e observam que além da comprovada existência da liberdade observa que Frankl (1989^a) em sua teoria dispõe sobre a liberdade revelando seu caráter facultativo, já que ao mesmo tempo em que existe a possibilidade de ultrapassar os condicionamentos já citados, de forma singular e particular, há também a submissão a estes, concretizando assim a possibilidade de escolha, pois, não escolher, já é uma escolha. “Nesse viés, a Análise Existencial tem como foco tornar consciente a liberdade e a responsabilidade que todo ser humano (em perfeitas condições neuroanatômicas), querendo ou não, possui.” (p. 25).

O segundo conceito, a vontade de sentido, refere-se ao esforço em suprir o objetivo e/ou necessidade mais básica que o ser humano almeja, talvez não exatamente esteja tão consciente disto, porém continua exigindo de tudo e de todos ao seu redor um sentido. "Essa vontade consiste em uma prova circunstancial para indícios de saúde mental, não obstante a ausência de vontade de sentido, que culmina na falta de significado existencial, seja um forte indicativo de incapacidade emotiva de adaptação ao ambiente." (p. 29) Onde a frustração dessa vontade resultaria em o que Frankl chamou de "Vazio existencial" que seria a sensação que a vida não tem sentido, manifestada no tédio prolongado causando diversos problemas.

Frankl identifica a vontade de sentido, como sendo inerente a todo ser humano, pois, este se refere ao sentido identificado por nós, perante as pessoas e os acontecimentos ao nosso redor, o sentido que nos possibilita identificarmos-nos uns com os outros que dialeticamente nos faz sentir reconhecidos e completos naquele momento, diversos são os sentidos e propósitos encontrados, porém únicos de cada pessoa, como já foi colocado, além de não cessarem e serem mutáveis. (Pereira, 2007)

Ainda segundo Pereira (2007) mesmo diante dos piores acontecimentos o ser humano possui a necessidade e capacidade de encontrar sentido, pois como já supracitado, o pequeno espaço existente entre esses determinantes do qual somos interpelados e exigidos, encontra-se a liberdade e a vontade de sentido presentes, uma vontade que motiva o indivíduo a buscar na realização de tarefas, o sentimento de dever cumprido, pois, é a cada pessoa que cabe encontrá-lo e vivenciá-lo. Essa proposta contraria os conceitos de vontade de poder e vontade de prazer, apresentados pela psicologia adleriana e freudiana respectivamente, nos quais ambas se colocam como primeira vontade do ser humano.

Frankl em seu livro “Em busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração” (1946) relata, como sobrevivente, sua experiência dentro dos campos nazistas pelos quais

passou, pode presenciar de perto algumas desistências do viver e apesar dos horrores a que todos eram submetidos e da profunda angústia e desespero que todos sentiam, percebeu em si e em seus companheiros o surgimento de uma fé e esperança no futuro, que apesar de tudo, ainda conseguia ressignificar o sentido de suas vidas. Diante disto, concluiu que é possível e que as pessoas podem ultrapassar as mais adversas situações.

Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprida somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. (...) O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores. (FRANKL, 1984, p. 70)

O terceiro conceito é o sentido da vida, neste Aquino, Dámasio e Silva (2010) apontam que para Frankl, o sentido relaciona-se a uma situação particular como também a sentidos universais. O primordial é o sentido da pessoa em dado momento e não um sentido de vida de um modo geral e abstrato. Cada ser é único e precisa executar essa tarefa que é executar sua missão de vida compostas por suas missões na vida.

Entende-se que esse terceiro conceito está configurado como um "fim" ou objetivo que possui o caráter renovável, um "final" sem data marcada para começar ou terminar, já que esse final não quer dizer fim de vida, pois, muitas pessoas podem vivenciar os sentidos de suas vidas desde jovens quando descobrem e percebem já estarem respondendo, em forma de ações e atitudes, às questões colocadas pela vida no seu entorno e que se encontram no caminho do sentido das suas vidas. "Portanto, descobrir o valor humano, a sensação de valor próprio, autoestima ou autoconfiança é o primeiro passo para encontrar o sentido vital". (Lukas, 1992 apud Damásio, Silva e Aquino, 2010, p. 39). Assim, o existir pode ser real, ou melhor, digno, se for assumido como responsabilidade. Nesse o homem é que oferece algo ao mundo, tira do mundo das ideias e transforma em realidade. Ai sim o ser humano realiza um sentido de vida.

Conforme as pressuposições da Logoterapia e Análise Existencial são três, os caminhos ou categorias de valores a realizar que permitem o surgimento da realização existencial. São eles: os valores criativos, vivenciais e atitudinais. Na primeira categoria encontram-se os valores criativos: que correspondem aos momentos de criação, de uma produção, realiza-se quando alguém oferece algo de si ao mundo por meio de um trabalho, tarefa ou obra, ou seja, remetem ao potencial criativo de cada pessoa e ao seu caráter de ser único— Homo-faber. Para o exercício desses valores, a pessoa percorre esse caminho de forma ativa, agindo proativamente focando toda sua atenção para a melhor forma de realização da tarefa escolhida.

Na segunda categoria têm-se os valores vivenciais: neste o sentido pode emergir quando a pessoa recebe algo de alguém, como por exemplo, em encontros intersubjetivos como ser amado por alguém, em experiências de bondade, verdade ou beleza, realizada pela contemplação da natureza – Homo-amans. Essa vivência é interior e perpassa pela estrutura bio-psico-espiritual, além de ser intransferível. Apesar de seu aspecto subjetivo, é intencional, pois se relaciona a algo externo de si, quando o sujeito experimenta algo do mundo, algo valioso, que tem valor em si mesmo. Nestes valores encontram-se o exercício da contemplação e receptividade. Neste, o homem recebe do mundo por meio das experiências e preenche-se de valor.

A terceira categoria é composta pelos valores atitudinais: que podem ser encontrados nos momentos de sofrimento e desespero em que diante da dor, o homem exerce sua liberdade e toma uma atitude diante dos condicionamentos, aquilo da ordem do destino – Homo patiens. Diante dessa restrição das possibilidades existenciais e da realização dos valores das duas categorias acima explanadas e perante uma situação imodificável seja de ordem econômica,

política, geográfica, física ou afetiva, a única possibilidade é a “atitude”, o posicionar-se interiormente frente à situação. Ainda assim, o ser humano se vê perante o desafio da mais autêntica transcendência: encontrar sentido por meio de um modo digno de sofrer. (AQUINO, DAMÁSIO e SILVA 2010).

O termo "existencial" pode ser usado de três maneiras: referindo-se (1) à existência em si mesma, isto é, ao modo especificamente humano de ser; (2) ao sentido da existência; (3) à busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja, à vontade de sentido. (FRANKL, 1984, p. 71)

Fica claro que esse conceito, para ser vivido significativamente pelo ser humano deve efetivar-se mediante as respostas satisfatórias dos conceitos anteriores como um resultado que não chega a um fim propriamente dito, isso se justifica devido ao fato dito anteriormente em que a vida não cessa de oportunizar sentidos a serem descobertos pelas pessoas. Ou seja, encontrar o sentido da vida revela a capacidade humana em mover-se responsabilmente primeiro pela liberdade de vontade e depois por sua vontade de sentido que é a maior motivação que existe e direciona nossas ações no dia a dia.

Kroeff (2011) relata que uma das mais conhecidas seguidoras de Frankl, a Doutora Elisabeth Lukas, contribuiu de forma bastante significativa ao esforçar-se para tornar a vida dos Logoterapeutas mais sistemática e organizada, devido à elaboração de um roteiro de tratamento concebido em quatro fases: autodistanciamento, mudança de atitude, redução dos sintomas, orientação para o sentido. Apesar da sistematização feita por ela, a mesma corrobora com Frankl e conclui que na logoterapia não há padrões fixos e que os psicoterapeutas devem investigar, experimentar e improvisar. Apesar das diversas técnicas criadas por Frankl, o mesmo ficou conhecido principalmente pela técnica da Intenção Paradoxal. Porém, o mais importante a ressaltar é a grande atenção que o mesmo destinou a relação humana presente no fazer psicoterápico. Além de colocar que esse é o foco, alerta para a questão do uso das técnicas, pois, de forma excessiva, podem chegar a fazer o efeito contrário do que se destina e terminar por bloquear o efeito terapêutico.

Ainda sobre a prática logoterapêutica, Aquino, Damásio e Silva, (2010) e Kroeff (2011) acrescentam que esse atuar dá-se dinamicamente e deve ampliar a capacidade da pessoa em perceber as possibilidades de significados e valores existentes ao seu redor e de ser consciente da escolha mais responsável a se fazer, onde o tratamento deve ser realizado de acordo com a individualidade do paciente, da situação específica que se está trabalhando no momento e da personalidade do terapeuta.

Segundo Xausa (2012) todo o caminho percorrido por Frankl em sua obra, torna perceptível sua sólida formação filosófica, pois reflete a grande influência dos filósofos existenciais (Gabriel Marcel, Martin Heidegger, Karl Jasper e Martin Buber) e de Santo Tomás de Aquino. Dessa forma, a questão do Sentido da Vida é uma reflexão Psicofilosófica, o mesmo pode ser visto em outros conceitos. Portanto, a obra de Frankl, além de profunda, liberta o homem dos Psicologismos e sobe as alturas do espírito humano. Assim, a Logoterapia é chamada por Frankl como a “Psicologia das Alturas”. A autora Elisabeth Lukas, assistente de Dr. Frankl em Viena durante anos, diz em seu livro: “Sua parte perecível morrerá, mas a outra é imortal” (pg. 33). Numa época em que se considerava serem estes elementos estranhos ao atuar psicoterapêutico, ou no mínimo, não centrais, a logoterapia vinha oferecer ao ser humano necessitado a sua terapêutica específica.

LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL E SEU CONTATO COM O UNIVERSO INFANTIL

Segundo Simões (2016) com o surgimento da Psicologia humanista existencial, onde a Logoterapia se apoia e introduz seu viés espiritual, novos autores passam a enxergar a infância também sob o aspecto noético, sugerindo que a criança, como todo ser humano, é composta pelas dimensões bio-psico-espiritual. Observa-se que até o século XX, muitos teóricos debruçavam-se somente sobre aspectos físicos e psicológicos da criança e de seu desenvolvimento. Esse aspecto vem demarcar o principal motivo que faz a Logoterapia ser viável para trabalhar na Psicoterapia infantil.

Kroeff (2012; 2013) evidencia em suas pesquisas que há a existência de muitas narrativas e descrições de terapeutas que adaptam a Logoterapia para o trabalho clínico com crianças. Dentre estes, ele cita Lukas e Riveros de Carbone. Porém, atualmente, encontra-se novos autores que mostram avanços na área como o caso de Sánchez (2014), que em sua obra traz o aporte humanista existencialista com enfoque na logoterapia e apresenta como uma possibilidade de acompanhar crianças durante sua formação e estruturação de pessoa.

Corroborando com os dados acima, Feijoo, Valle e Maichin (2004) e Feijoo (2011) explicam que assumir uma postura fenomenológica na terapia compreende não considerar diagnósticos prévios trazidos por “outros” acerca do comportamento, neste caso, da criança. O uso da Ludicidade como já bem exposto se faz presente inevitavelmente e sua utilização promove grandes descobertas para quem trabalha com esse público. Durante a Psicoterapia o clínico estará presente, mas, deixa-se parecer “ausente”. Pois, a liberdade e a responsabilidade na perspectiva existencial referem-se à propriedade de indeterminação da existência que em qualquer que seja a etapa da vida, cada um tem de encarregar-se do seu existir e o profissional não deve assumir esse lugar pela criança. Faz parte do ofício desse profissional que fundamenta sua prática nessas bases, questionar o que se tem naturalmente como verdade pronta e acabada. Agindo assim, abre espaço para que a criança se entregue a si mesma, experienciando a permanência consigo mesma e emponderando-se da necessidade e da viabilidade de cuidar de si e poder-ser.

A Logoterapia visa conscientizar o indivíduo do valor principal que o sentido possui, dirigindo-o mais para o futuro do que para o passado. Nesse sentido, a Psicoterapia infantil, sob a ótica fenomenológica-existencial, com todas as suas particularidades, pode ser desenvolvida em condições de maior liberdade prática e menor rigidez em relação às técnicas decorrentes de um posicionamento teórico, privilegiando sempre o fenômeno, ou seja, a pessoa assim como ela se apresenta, o foco é a expressão singular de cada ser (a criança, os pais ou responsáveis). Desse modo, justifica-se a total relevância em se utilizar da Logoterapia dentro do processo psicoterápico infantil, já que o mesmo é um processo terapêutico que trabalha sempre com a dimensão saudável do ser humano, ou seja, a dimensão noética e devido a essa visão antropológica é que a Logoterapia se introduz no campo preventivo. Nesse sentido, a prevenção objetiva a melhora das condições sociais, pessoais e espirituais do ser humano, desde bem cedo. (ORTIZ, 2005) (TEXEIRA, 2006).

Frankl ao defender a tese que a conduta humana é realmente humana na medida em que ela significa atuar no mundo, ou seja, quando ao sair da sua zona de conforto o mesmo executa uma atitude pessoal e essa se dá livremente em relação ao acontecido e em qualquer situação, nos faz pensar que diferentemente do que se acredita, ou que se tenham consciência a criança atua no mundo, ao seu modo, mas atua. Basta observarmos a sua presença em um núcleo familiar, entre outros ambientes que somente sua presença já causa nos demais uma reação e suas atitudes conduzem muitas vezes as situações. E a criança percebe que suas atitudes causam uma diferença no ambiente e interpelam as pessoas a agirem muitas vezes, de acordo como querem.

Porém, como pode ser observada anteriormente, a infância é uma das etapas do desenvolvimento humano que reivindica cuidados adequados e atenção específica, tendo em

vista a fragilidade identificada pela dependência física, afetiva e social que a criança apresenta durante seu desenvolvimento. As mudanças que acontecem ao seu redor impactam no seu comportamento e podem favorecer a adição de traumas e medos desnecessários causados por diferentes fatores externos que interferem na qualidade da saúde da criança. Além dos cuidados, a infância é definitivamente uma fase de descobertas e transformações onde a criatividade se expressa de variadas formas e os primeiros afetos vão proporcionar acolhimento para encorajar a vida no futuro.

Na terapia observa-se que esse cuidado na infância é de grande importância e de fato exerce a função preventiva para que possíveis distúrbios ou apenas dificuldades não tomem proporções maiores, impedindo que a fase atual continue prejudicada e que nas fases seguintes esses problemas sejam perpetuados. Baseado nesses fatores, a orientação é que na educação oferecida pelos pais ou responsáveis e naturalmente a criança ao ter acesso é inevitavelmente interpelada, o foco esteja sempre em evidenciar desde cedo os as responsabilidades que norteiam a vida e que cada um exercerá dentro da família, apesar de possuir medidas diferentes, todos podem e devem contribuir deste modo o resultado do conjunto ou o nível de satisfação existencial dependerá da efetiva conscientização e vivência verdadeira no existir, que começa desde o começo.

Como apontado anteriormente, um dos objetivos da psicoterapia visa também o melhoramento das relações familiares, em geral, esse primeiros afetos são identificados como sendo os seus pais, ou só um dos dois, ou em outros casos, aqueles que decidem ou precisem assumir essa responsabilidade. Na terapia o terapeuta pode favorecer a percepção da criança sobre variados aspectos de sua existência, um deles discerne sobre sua unicidade, que por meio das histórias e brincadeiras podem emergir como uma problemática que pode estar sendo um entrave na maneira como a criança se sente nessa relação. Explorar esse sentimento e favorecê-la o entendimento de que é única e que ninguém se relaciona com os seus pais da maneira como eles entre si se relacionam promovem um reconhecimento de valoração que conferem sentido na vida dos envolvidos. (Fabry, 1990). Esse aspecto escolhido a ser citado aqui, revela-se justificado quando ao falar sobre amor e afetividade Frank (1987) deixou claro que ao sair de si em direção do outro, o ser humano tem condições plenas de encontrar sentido, pois a autotranscendência é a capacidade genuinamente humana de ir além de nós mesmo agindo pelo bem de quem gostamos nesse caso, os primeiros beneficiados seriam os pais.

No estudo de Aquino, Damásio e Silva (2010) eles elegeram o ambiente educativo como o principal espaço de prevenção já que é no ambiente escolar que se encontram as mais diversas possibilidades de conquistar conhecimento, atitudes, valores e também aprender as mais diferentes maneiras de se relacionar com outros ao seu redor. As formulações teórico-práticas de Frankl, além de recentes indicam que o sentido corresponde a uma necessidade atual na educação, porém, sabe-se que o processo educativo não é restrito ao ambiente escolar e que acima de tudo é necessário perceber que educar constitui-se em conscientizar.

Para Frankl (1991) ter uma educação que incentive a responsabilidade, fomenta a capacidade individual e consciente do ser humano visualizar um panorama de possibilidades existentes em sua vida. Essa base de orientação além de fortalecer a capacidade da criança em escolher melhor, também contribui para que a mesma vá à busca pelo significado apesar de sua recente existência, mas não menos significativa que a do adulto. Antes de nascermos, nós já existimos e não paramos de aprender e o simples fato de existir te dá o direito de usufruir dessa existência única e de se encontrar nela. Assim, a Logoterapia terá cumprido o seu mais nobre papel que é o de promover um efetivo reconhecimento do ser humano na compreensão de ser possuidor de uma integralidade que o possibilita o cumprimento pela busca indispensável em direção ao sentido “Mais do que nunca, a educação há de ser a educação para a responsabilidade”. (pg. 19).

Então, a Logoterapia e Análise humanista-existencial, delega e assume, com maestria, uma posição de terapia preventiva que tem condições de fomentar nos pais e/ou responsáveis, na criança e por conseguinte na sociedade, o encargo de prevenir e promover a saúde, através da liberdade, da vontade e da busca de sentido. Como bem se coloca, na Logoterapia, o terapeuta tem sua própria forma de trabalho, pois, ajusta e personifica o atendimento, trabalhando unicamente de acordo com a demanda do orientando, lhe oferecendo a liberdade ao exercício da criatividade uma vez que é através desse caminho se assume uma postura autêntica e realizadora que acaba por promover resultado na melhora das condições sociais, pessoais e espirituais. Nesse ponto fica claro que é possível sim, favorecer a criança reflexões mediante seus próprios desejos, mas também as consequências de tudo o que se faz. É possível sim, propiciar um desenvolvimento satisfatório, responsável e feliz das crianças exercendo esse trabalho preventivo diante dos sentidos atribuídos pelas crianças em suas vivências. Como consequência, essa prevenção na infância permite ao adolescente a possibilidade de ser mais consciente de seus sentimentos pessoais e da qualidade das relações interpessoais que estabelecerá com as pessoas. E ao adulto, fornece a possibilidade de o mesmo assumir uma postura cada vez mais multiplicadora de atitudes positivas diante dos obstáculos da vida.

Então, os valores que Frankl (1991) colocou em destaque como caminhos para encontrar sentido na vida, encontram na infância um precioso terreno fértil, já que suas vivências não são menos importantes que as vivenciadas pelos adultos. Nos aspectos acima contemplados encontra-se a justificativa clara e objetiva da plausível possibilidade de trabalhar a Logoterapia e Análise Existencial com as crianças. No caso das crianças não se tratar especificamente em recuperar, mas fortalecer essa capacidade para ser realizada da maneira mais autêntica e saudável possível. A possibilidade de despertar na infância sentimentos de cuidado e responsabilidade consigo mesma, alinha a mesma para viver autenticamente os valores por ela internalizados. Frankl, busca nesse esforço, recuperar “a existência humana para o seu nível autêntico, por cima dos condicionamentos biológicos, psicológicos ou sociológicos” (Frankl, 1978, p. 270), tanto em seus aspectos técnicos, quanto em suas particularidades éticas. Quanto mais houver pessoas em busca de sua realização existencial, mais saudável será o mundo e mais justas e felizes serão as vivências infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicoterapia, em seu campo de múltiplos sistemas e propostas de atuação, recebe da Logoterapia e Análise Existencial um diferencial, por apresentar uma visão de homem mais completa e integral. Considera o ser humano, em suas dimensões física, psicológica e noética/espiritual e é por meio dessa última que é possível ao homem tomar consciência de sua liberdade e agir responsabilmente, motivado pelo que considera os sentidos de sua vida. O homem muitas vezes deixa-se vitimizar frente aos poderes autoritários e acaba se refugiando e camuflando sua liberdade e responsabilidade, e apesar do constante choque entre as limitações biológicas, psicológicas ou sociológicas que atravessam o caminho da liberdade humana ele não perde sua liberdade espiritual. Este pode e deve sempre lançar um olhar para o futuro e nele depositar suas aspirações assim como enxergar no passado pontos importantes do seu existir

Sabe-se que a descoberta da infância tal como se apresenta hoje é recente e emergiu com o nascimento de instituições como a escola, o decreto de leis e saberes que a tomam como objeto de conhecimento e de intervenção. A Psicoterapia Infantil de base fenomenológica/existencial assume um papel preventivo e entende que a criança possui voz e expressão própria, são capazes de optar, de valorar e de decidir, movimentam-se no mundo e participam de sua construção.

Apesar dos avanços nas políticas públicas, ainda testemunhamos na sociedade, variadas maneiras de viver a infância. Muitas se distanciam daquilo preconizado pelos direitos humanos e no que está contido no Estatuto da Criança e do Adolescente. É preciso propagar através dos movimentos sociais um maior interesse pela criança, chamar atenção nacional e mundial para o resguardo eficaz dos seus direitos e o sentimento de provimento naquilo em que possa apresentar-se fragilizado. Ferramentas como a internet, se bem usada pode ajudar substancialmente nessa tarefa. Ainda são muitos os desafios que precisam ser enfrentados para o estabelecimento social de condições favoráveis em todos os setores da sociedade, mas, nós Psicólogos podemos fazer a nossa parte.

Nesse espaço terapêutico, o brincar, em todas as suas possibilidades de execução, apresenta-se como a principal ferramenta de acesso ao universo infantil. Ela é natural, saudável e universal e capaz de transportar, como uma via de mão dupla o interno e o externo emocional. Nessa relação o psicoterapeuta é o agente de trânsito que observa o tráfego, dá o suporte e intervém quando necessário, o controle está nas mãos da criança. É preciso compreender que o atuar do Logoterapeuta consiste em lidar com caráter de indeterminação aceitando a árdua tarefa de não ter como prever, nem garantir nenhum resultado, dado o caráter de unicidade pelo qual a criança e o adulto se apresentam. É indiscutível a necessidade de estarmos constantemente nos atualizando, para conhecer o mundo das crianças, seus contatos com os elementos da cultura, entre outros, além de colocar nosso jeito nos atendimentos. Esses cuidados facilitam o fazer terapêutico e resguarda á criança o direito por um espaço de livre expressão, acolhimento empático e amoroso, de uma escuta sensível que queira compreendê-la em suas necessidades.

Por fim, na terapia a criança deverá desenvolver recursos que a ajudará na resolução de suas atuais questões e de possíveis futuros conflitos, e que a possibilite realizar uma vivência repleta de sentido, valores éticos, morais e criativos que traga a tona uma existência autônoma, única, livre, responsável e feliz. Ao mesmo tempo em que os pais aprenderão a identificar e escolher a alternativa que melhor apresentar-se como solução e oferecer o suporte necessário para intervir diante dessas vivências. Tudo isso terá considerável impacto na saúde da criança, dos responsáveis e na qualidade do bem-estar familiar, além do impacto nos outros relacionamentos interpessoais que a criança dispuser.

Concordo com Kroeff ao dizer que o fato da Logoterapia e a própria Psicologia não se encontrar pronta e alegar que nunca estará, caracteriza um desafio e fomenta o seguinte convite: continuarmos a desenvolver a obra de Frankl. Deste modo, é importante que as experiências exitosas, os avanços e dificuldades sejam registrados e relatados em eventos científicos para que os órgãos competentes voltem a valorizar e incentivar cada vez mais a pesquisa científica, as publicações de artigos e livros. Como também, as universidades oferecerem suporte para criação de instituições e grupos dedicados ao estudo, à formação e avanços da logoterapia. A obra de Frankl promove uma humanização na Psicoterapia e em quem tem acesso e interesse por sua teoria. Estas, com certeza, podem ser vistas como tarefas com sentido e como a melhor homenagem que se pode prestar ao mestre Viktor Emil Frankl. A importância do avanço se revela a cada estudo, cada indagação e a cada reflexão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, LBP. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais-** Direitos da infância: da tutela e proteção á cidadania e educação.[online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 193. ISBN 978-85-7983-085-3. SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução da Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AXLINE, V. M. **Ludoterapia: a dinâmica interior da criança**. Belo Horizonte: interlivros, 1972.

BASTOS, B. C. S.; SILVA, M. H. B. **Terapia do Sentido: a contribuição da logoterapia dentro da abordagem humanista existencial**. *Revista Dom Acadêmico*, v.1, n.1, p.183-268, jul/dez: Curitiba, 2016.

BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira. 14ª edição. São Paulo, SP: Saraiva, 2008.

BRITO, Sandra. **A psicologia Clínica – Procura de uma identidade**. Revista do serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/psilogos/article/view/4086/3062> v. 5, n. 1-2 (2008) acessado em 21.04.18, 13h17min.

CARVALHO, C.; FIORINI, G. P.; RAMIRES, V. R. R.; **Aliança Terapêutica na Psicoterapia de Crianças: Uma Revisão Sistemática**. Porto Alegre: out.-dez v. 46, n. 4, pp. 503-512., 2015.

DAMÁSIO, B. F.; SILVA, J. P.; AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e Educação. São Paulo: Paulus, 2010**.

DEL PRIORE, M. **História da Criança no Brasil**. ORG. Coleção Caminhos da História – São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **A criança negra no Brasil**. In JACÓ-VILELA, AM. and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253.

ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente e Normas Correlatas**. Editora: Brasília – DF. Ano 2016.

FABRY, Joseph B., 1930 - **Aplicações práticas da logoterapia** / Joseph Fabry : [Tradução equipe da ECE]. -- São Paulo: ECE, 1990.

FEIJOO, A. M. L. C. **Clínica Psicológica Infantil em uma perspectiva existencial** - Revista da Abordagem Gestáltica. [online]vol.17, n.2, pp. 185-192. ISSN 1809-6867, 2011.

FRANKL, V. E. (1991). **A psicoterapia na prática** (C. M. Caon, trad.). Campinas, SP: Papyrus.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**, Tradução: Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre, Sulina, 1987; São Leopoldo, Sinodal, 1987.

GONÇALVES, S. **Construção de uma cartilha informativa sobre a psicoterapia infantil.** Itajaí: santa Catarina, 2009.

ISSE, J. F. **Possibilidades na Psicoterapia infantil: os profissionais da psicologia e as técnicas no atendimento de crianças.** Monografia. Lajeado: 2013

KROEFF, P. **Logoterapia: Uma Visão da Psicoterapia.** Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, vol. XVII, núm. 1, pp.68-74. Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia. Brasil: 2011.

KROEFF, P. **Logoterapia e superação de evento traumático em uma criança.** Logos & Existência - revista da Associação Brasileira de Logoterapia e análise existencial 1 (2), 173-178, rio grande do sul, 2012.

KROEFF, P. **Entrevista e Homenagem Paulo Kroeff .** Logos & Existência - Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e análise existencial 2 (2), 162-165. Rio Grande do Sul, 2013.

LANE, S.T.M. **O processo grupal.** In: LANE, S.; CODO, W. (Orgs.). Psicologia Social: o homem em movimento. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MEIRA, C. H. M. G.; NUNES, M. L. T. **Psicologia Clínica, Psicoterapia e o Estudante de Psicologia.** Paidéia, 2005, 15(32), 339-343. Porto Alegre – RS, 2005.

NERY, M. P.; COSTA, L. F. **A pesquisa em psicologia clínica: do indivíduo ao grupo.** Estudos de Psicologia. 25(2), 241-250, abril – junho. Campinas: 2008.

ROSEMBERG, F.; MARIANO, C. L. S. **A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões.** Cad. Pesqui., São Paulo , v. 40, n. 141, p. 693-728, Dec. 2010 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742010000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742010000300003>.

SANCHEZ, C. M. **Orientando a la infancia hacia el sentido: una mirada desde la Logoterapia de Viktor Frankl.** Editorial: Faros de Sentido. Bogotá, Colômbia, 2014

SEI, Maíra Bonafé; SOUZA, Carolina Grespan Pereira e ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. **O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil.** Vínculo [online]. 2008, vol.5, n.2, pp. 194-207. ISSN 1806-2490.

SIMÕES, R. F. M. **Promoção do Sentido na Infância: um relato de experiência com crianças em situação de vulnerabilidade.** Campina Grande- PB, 2016.

TEIXEIRA, J. A. C. **Introdução à psicoterapia existencial.** Análise Psicológica vol. 3 (XXIV): 289-309. Ano: 2006.

XAUSA, I, A, de M.; **Viktor E. Frankl entre nós: história da logoterapia no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço á Deus, pela minha existência e por todo o amor e respeito que tem comigo. Também agradeço aos meus pais pelo investimento emocional e financeiro ao qual me dedicaram, além da liberdade e respeito por minhas escolhas. Aos meus amados, Mickael (esposo) e Pedro (filho).

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, a todos os funcionários e professores que tive o prazer de conviver. Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. E por fim, em especial, agradeço á professora e minha orientadora Lorena Bandeira, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, que de maneira generosa, paciente e dedicada me acolheu e agraciou. E também aos queridos professores Laércia Maria Bertulino de Medeiros e José Andrade Costa Filho que prontamente aceitaram fazer parte da banca examinadora deste trabalho.